

Roda literária e produção de animações: a leitura e o audiovisual com IA para uma educação midiática e libertadora^{1 2}

Vanessa Coutinho Martins³

Cláudia de Albuquerque Thomé⁴

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

Este artigo expõe os resultados de uma experiência educacional de roda literária e audiovisual desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental I, de uma escola pública de Cataguases (MG), seguindo a proposta teórica-metodológica apresentada na cartilha de Martins e Thomé (2024). Ancorada na pesquisa participante (Peruzzo, 2005), essa experiência envolveu a leitura da obra “Amoras” (2018), de Emicida, no mês da Consciência Negra, em 2024. Após a leitura e o debate do livro, as crianças transformaram suas ideias em desenhos, que viraram uma animação a partir de uma ferramenta gratuita *online*. Conclui-se que a produção de animações aliada ao debate literário auxilia na reflexão e contribui para uma educação libertadora (Freire, 2021), tendo em conta o conceito “*total environment*” (McLuhan, 1967).

Palavra-chave: leitura; audiovisual; animação; livro; educação.

Introdução

“Não há melhor palco/para um pensamento que dança/do que o lado de dentro/da cabeça das crianças.” (Emicida, 2015). Esses são alguns dos versos da música “Amoras”, do *rapper* Emicida, lançada em 2015, que deu origem ao livro homônimo, publicado em 2018. A obra infanto juvenil narra a história de uma criança que está debaixo de uma amoreira com seu pai, quando este comenta sobre a beleza dessas frutas. Emicida utiliza a metáfora das amoras maduras – pretinhas, doces, bonitas e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Doutora em Comunicação pelo programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF) com período sanduíche na University of Toronto. Professora no Curso de Tecnologia em Cinema e Animação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Integrante do grupo de pesquisa “Narrativas midiáticas e dialogias” (CNPq/UFJF) e do “Grupo de Estudos & Pesquisas em Educação” (CNPq/UFJF). E-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com.

⁴ Professora associada da Facom/UFJF, docente permanente do PPGCOM/UFJF, mestre em Comunicação (UFRJ) e doutora em Teoria Literária (UFRJ) com pós-doutorado em Comunicação (UFRJ). Líder do Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (Namidia). E-mail: claudia.thome@ufjf.br

únicas – para ensinar à filha a amar sua pele, seu cabelo e suas origens. Assim, a obra versa sobre negritude, representatividade, preconceito e autoconfiança, ao também apresentar referências à religião e à resistência afro, ao citar Zumbi, Martin Luther King, Malcom X e entidades da mitologia iorubá.

Portanto, levando em conta a abordagem lúdica e a relevância dessa obra afro-brasileira para uma educação antirracista e representativa, selecionamos essa narrativa para ser trabalhada com crianças matriculadas em uma escola da rede municipal da cidade de Cataguases/MG, a partir de atividades de roda de leitura. Destacamos que essa ação faz parte da etapa de pós-teste de uma das vertentes da pesquisa de doutorado de Martins, orientada por Thomé, defendida no programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF) e faz uso da proposta teórica-metodológica apresentada na cartilha intitulada “Clube de Leitura Audiovisual: o que é, como se faz?” (Martins; Thomé, 2024). Esse material está disponível *online* gratuitamente e seu formato impresso foi possibilitado a partir da Lei Complementar nº 195/2022 (Lei Paulo Gustavo) ⁵.

A tese, intitulada “Clube de Leitura Audiovisual: Paulo Freire e Marshall McLuhan em uma abordagem educacional para a educação midiática em escolas no Brasil”, apresenta como um dos objetivos a criação de um clube de leitura audiovisual para adolescentes do ensino médio como ferramenta para o desenvolvimento de conscientização (Freire, 1979) e um pensamento crítico midiático, e, a partir de articulações teóricas e práticas, deu origem à cartilha. Nesse sentido, este artigo apresenta detalhes das etapas e observações de campo que ocorreram durante a roda literária, no mês da Consciência Negra (2024) que auxiliaram na culminância da proposta teórica-metodológica ⁶.

Destacamos que essa atividade consiste em uma das vertentes da proposta submetida e aprovada à Política Nacional Aldir Blanc II de Fomento à Cultura (PNAB),

⁵ Cartilha disponível em:

https://46be9856-e6d1-46f1-a5d7-4bdf28274eb.filesusr.com/ugd/4da1af_6855caf220534db0930b6414112d159f.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025. O exemplar físico pode ser adquirido, também gratuitamente, enviando um *e-mail* para: vanessacoutinhomartins@gmail.com

⁶ Esta etapa, que possibilitou o desenvolvimento deste artigo, não estava prevista no período de submissão e aprovação ao comitê de ética da UFJF. Porém, foi considerada como intercorrência e devidamente relatada e considerada pelo comitê. Salientamos que o estudo foi previamente autorizado pela direção da instituição, que avaliou e aprovou sua pertinência e aderência aos princípios éticos institucionais. Ademais, a pesquisa está vinculada à Política Nacional Aldir Blanc II de Fomento à Cultura (PNAB), que prevê procedimentos próprios relacionados à autorização do envolvimento de terceiros, observando diretrizes específicas para ações culturais de interesse público.

instituída pela Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022, que possibilitou a compra de vários exemplares do livro trabalhado com os estudantes, dentre outros recursos, como frutas (amoras e jabuticaba, citadas na obra debatida), e lápis de cor. Esses materiais foram deixados na escola para futuros trabalhos após a finalização da atividade.

Ação e transformação

Esta investigação se baseia nos métodos da pesquisa participante que, segundo Peruzzo (2005, p. 125), “[...] consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno com a situação investigada”. Suas bases partem do pressuposto de que apenas a denúncia não colabora com a solução do problema, mas, sim, a ação perante tal situação. Nesse sentido, para que a problematização ocorra, é necessário que haja um compromisso pessoal do sujeito, já que não há forma de permanecer “como mero espectador da problematização” (Freire, 1977, p. 82). Dessa forma, todas as etapas da roda literária foram acompanhadas pela pesquisadora, que atuou como uma mediadora dos encontros juntamente com as professoras.

O início das atividades ocorreu com a sugestão da obra a ser trabalhada. Ao apresentarmos o livro de Emicida, a direção, coordenação e as professoras da escola apoiaram a escolha, principalmente ao levarem em conta as atividades que já estavam sendo elaboradas pela comunidade escolar para o mês da Consciência Negra, que possui como data oficial o dia 20 de novembro.

Figura 1 - leitura e produção criativa do livro “Amoras”, de Emicida



Fonte: acervo da autora (2024).

Mesmo que cerca de 80% das crianças matriculadas na escola em questão sejam pretas ou pardas, segundo informações da direção da escola, ler uma obra como a de

Emicida reflete a importância de reflexão dessa temática com todos os sujeitos e não apenas um grupo específico da sociedade. Porém, como professora e pesquisadora branca, é preciso ter alguns pontos em consideração. É necessário haver respeito, escuta ativa e compromisso com uma educação antirracista. A atuação deve estar fundamentada na valorização da história e no combate ao racismo estrutural.

O projeto de roda literária e produção de animações foi, então, realizado “com” a comunidade escolar e não “para” a comunidade escolar. Esse ato de construção em conjunto, nos termos de Freire (2021), relaciona-se com uma ação política realizada em conjunto com determinados grupos oprimidos, caracterizando-se como uma “ação cultural” para a libertação dos sujeitos, relacionado, ainda, à consciência de engajamento e de trocas. Para que essas trocas ocorressem de uma forma mais consistente, o primeiro momento de contato com as crianças aconteceu a partir da apresentação da obra, abordando sobre o autor, seu contexto no cenário brasileiro, bem como do ilustrador e dos desenhos dispostos pelo livro. Após essa apresentação, ocorreu o momento de leitura e as carteiras foram posicionadas em forma de círculo para que as crianças pudessem ver umas às outras e prestar atenção nas expressões e nos gestos dos colegas.

Devido ao grande número de faltas ou atrasos na chegada dos estudantes de todo o Ensino Fundamental I, as turmas encontram-se frequentemente vazias. Logo, as professoras decidiram que seria mais proveitoso juntar todas as turmas em uma sala para a realização dos encontros. A expectativa era de uma possível timidez entre essas crianças, pela diferença de idade entre os estudantes do 2º ao 5º ano. Porém, essa já é uma realidade no cotidiano de algumas salas, com crianças de uma mesma turma que ainda estão aprendendo a ler e outras já em nível avançado de alfabetização.

A disposição das carteiras de forma diferenciada às tradicionais fileiras sugere que não há uma hierarquia de saberes entre as próprias crianças e professoras. Dessa forma, os envolvidos no processo crescem juntos e os argumentos de autoridade tendem a cair por terra. Mesmo que a cultura autoritária não possa ser totalmente transformada, a constância desse “ritual de roda de conversa” (Consani, 2024, p. 31) é mais do que um aspecto simbólico.

Após os encontros de leitura conjunta, ocorreram as práticas de reflexão com os estudantes. Os debates foram iniciados pela curiosidade das próprias crianças,

principalmente a partir das ilustrações presentes no livro, levantando questões de seu contexto social e vivências pessoais, como já ter provado a fruta amora, subir em uma jabuticabeira presente na casa da avó ou a alegria de encontrar uma personagem do livro parecida com uma colega de classe.

A obra foi constantemente revisitada durante os debates, principalmente a partir de sua versão oficial animada⁷, que foi exibida para os alunos utilizando um *notebook*. Os debates ocorreram, principalmente, na etapa de produção criativa, que aconteceu em ambiente distinto da leitura da obra, acompanhada da degustação de amoras e jabuticabas, já que algumas crianças alegaram não conhecer as frutas em questão.

Técnicas e experimentações: do "feito à mão" à IA

Como forma de verificar a viabilidade e aplicabilidade da técnica já desenvolvida e realizada com adolescentes, a ação foi adaptada para a execução com crianças. No contexto do ensino médio, a produção criativa ocorreu a partir de rotoscopia. A animação em rotoscopia é uma técnica que consiste em desenhar manualmente cada quadro de um vídeo a partir de imagens reais previamente filmadas, criando uma estética híbrida entre o realismo do registro audiovisual e a expressividade do traço animado. Produções como “Alice no País das Maravilhas” e os sabres de luz de “Star Wars” foram criados a partir dessa técnica.

A rotoscopia dispensa a utilização de *softwares* específicos de animação e pode ser realizada manualmente⁸. Com o objetivo de aclarar as dúvidas dos estudantes sobre a técnica, uma oficina foi realizada em sala de aula, gravada e disponibilizada no YouTube para que outras ações similares pudessem ser realizadas em outros contextos⁹. As rotoscopias criadas em conjunto com os adolescentes foram produzidas a partir de cenas dos filmes aos quais as literaturas foram previamente debatidas. Uma dessas cenas foi selecionada do filme de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, em que os estudantes incluíram padrões estéticos e ideológicos de acordo com o que foi debatido em sala sobre as narrativas. A exemplo, citamos a personagem Hermione, que no filme

⁷ A versão animada da obra “Amoras” está disponível no canal do YouTube de Emicida: <https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>. Acesso em: 2 jun. 2025.

⁸ Com os alunos do ensino médio, uma websérie literária foi desenvolvida em rotoscopia, disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLpUpEwftINO1xJn3WwBuLCQkgTwLIWejr>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jv0HxIAQ5Po&list=PLpUpEwftINO1OHs27iF8iEVsoHuR44E0T&index=4>. Acesso em 18 jun. 2025.

é branca e possui cabelos longos e foi colorida como negra e de cabelos curtos pelos estudantes.

Já no desenvolvimento com os estudantes mais jovens, experimentamos uma técnica diferente da rotoscopia: uma ferramenta *on-line* e gratuita que faz uso de IA para animação de desenhos. A escolha pela mudança de técnica para a animação deve-se ao fato de que a rotoscopia é uma técnica que exige maior tempo de produção. Além disso, a ferramenta anteriormente indicada oferece maior liberdade para a escolha de elementos e de movimentos, de modo que as crianças podem desenhar o que bem entenderem, com a possibilidade de verem seus personagens totalmente autorais serem animados.

A ferramenta escolhida foi a sketch.metademolab.com/canvas, em que é possível gerar animações rápidas com uma gama de movimentos pré definidos. Para a realização do processo, basta tirar uma foto do desenho, fazer *upload* da imagem para o *site* e escolher o movimento para cada personagem, que pode ser pular, dançar, correr, acenar, dentre diversas outras opções. Assim, a criança pode ver de forma quase que imediata seu desenho ganhar vida.

Destacamos que a etapa de animação foi realizada pelas professoras, já que as crianças não possuíam celular ou, caso possuíssem, não levavam para a escola por questões pessoais e/ou pedagógicas, estabelecidas pela escola. Deve-se levar em consideração, ainda, questões que envolvem o uso de inteligência artificial, sobretudo por crianças em contextos escolares. Porém, como apontado por Santaella (2023, p. 22),

[...] proibir deve estar entre os piores caminhos, pois acaba por incentivar o uso oculto, cuja detecção, apesar de promessas, não é ainda segura. Ignorar significa alienar-se de um problema que exige atenção e encaminhamentos. A questão mandatória que se coloca é ética, o que envolve, antes de tudo, informar-se, conhecer, experimentar e avaliar para melhor agir

No entanto, não estamos presumindo que a inteligência artificial seja comumente utilizada pelos participantes do clube fora do contexto escolar, mas apontamos a relevância do conhecimento das potencialidades e dos riscos de seu uso – uma questão de inclusão social e educação midiática, que não tem idade mínima para o início de seu desenvolvimento. Como indica o livro “Diretrizes, para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa” (Sampaio *et al.*, 2024), não devemos

“abraçar” esse tipo de tecnologia apenas por serem uma novidade sem uma perspectiva ética e crítica. Assim, esse tipo de atividade requer um trabalho contínuo de educação midiática não apenas com os estudantes, mas com a comunidade escolar, que deve continuar com o trabalho de desenvolvimento dessas habilidades, mesmo após a finalização das ações por parte dos pesquisadores eventualmente presentes nos trabalhos de inserção.

A educação midiática é, pois, uma necessidade, tendo em vista que toda prática educativa é, por si só, uma ação comunicativa. De acordo com Fantin (2011, p. 28), “[...] os objetivos para a educação para as mídias se aproximam e dizem respeito à formação de um usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de comunicação e informação e de todas as mídias”. Sendo assim, é uma condição de educação para uma cidadania e democratização de oportunidades educacionais e de acesso.

A educação libertadora (Freire, 2021) propõe a ruptura com a educação bancária — que trata o estudante como recipiente passivo de informações —, e a educação midiática, similarmente, rompe com o consumo acrítico de conteúdos. Os sujeitos deixam de ser apenas consumidores da mídia e tornam-se produtores conscientes de informação, participantes críticos da sociedade e capazes de intervir nos discursos dominantes, reforçando o projeto de uma educação democrática, dialógica e comprometida com a justiça social.

É evidente, porém, que as escolas públicas brasileiras ainda possuem um longo caminho a ser trilhado no que diz respeito à educação básica, mas, privar esses cidadãos do conhecimento dessas ferramentas é mais uma forma de colocá-los à margem, já que aptidões relacionadas a esse tipo de tecnologia já são exigidas no mercado de trabalho e relevantes para o exercício amplo da cidadania.

Salientamos, ainda, que a utilização de uma ferramenta que gera animações automaticamente não possui o objetivo de ensinar a animar – visto que a IA já fornece o material pronto, mas sim, permitir a representação, mesmo que de forma limitada, de vivências pessoais, interesses e realidades culturais das crianças de forma quase que instantânea. Enxergamos nesse tipo de ferramenta o potencial de professores poderem dar continuidade, de uma maneira mais dinâmica, à proposta de leitura e produção audiovisual como estímulo ao pensamento crítico do conteúdo literário debatido e, ao mesmo tempo, de sua própria realidade. Além disso, há a oportunidade do despertar

pelo interesse à criação de animações totalmente autorias, o que exige um aprofundamento maior de conhecimentos e, assim, a possibilidade à introdução de novos profissionais ao cinema de animação, em profissões correlatas ou o simples desenvolvimento de pensamento criativo.

“Como o pensar infantil fascina!” (Emicida, 2015)

Como mencionado anteriormente, os debates ocorreram principalmente na etapa de produção criativa. Os estudantes foram reunidos no pátio da escola e compartilharam com os colegas seus materiais, como lápis de cor e canetinhas, e foram convidados a desenhar o que lhes chamou a atenção na obra. Durante essa etapa, foi possível perceber que desenhar e colorir também constituem um processo de reflexão e recapitulação de questões importantes para cada um. O compartilhamento de materiais em um mesmo espaço proporcionou conversas entre as crianças, que, despretensiosamente, abordaram sobre questões pessoais e expectativas. Durante essa etapa, os pequenos estudantes refletiram sobre questões raciais e a importância da conscientização racial e religiosa – cada criança à sua maneira.

Ao contrário do senso comum de que crianças não são capazes de entender o universo ao seu redor, afirmamos que o pensar infantil não deve ser ignorado. É possível e necessário inserir os pequenos em discussões sobre consciência negra e religiosa, desde que essas reflexões sejam conectadas às suas experiências concretas. A infância é uma fase crucial da formação da identidade, e é nesse período que estereótipos e preconceitos começam a ser percebidos e, muitas vezes, internalizados.

Como apontado por Martins (2025), a libertação dos sujeitos está relacionada à sua liberação, o que significa conduzir o estudante ao desenvolvimento de uma consciência crítica e fortalecer a autonomia intelectual ante o ímpeto das mídias. Sendo assim, a libertação também está relacionada ao pensamento criativo e à conscientização. “Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (Freire, 1979, p. 16).

Para que esta proposta se concretizasse, levamos em conta, ainda, os preceitos educacionais indicados por Marshall McLuhan – autor comumente conhecido por seus estudos sobre as mídias e suas influências nos seres humanos, mas que também tinha

muito a dizer sobre educação. Para McLuhan (1967), “*the total environment*”, ou o “ambiente total”, é o grande professor. Dessa forma, o processo de aprendizagem não é algo exclusivo das escolas, então os sujeitos aprendem a partir de outras mídias, como revistas, rádio e até mesmo a vida em si – algo também compartilhado em processos educacionais, como pontuado por Soares (2000) ao descrever o campo da educação. Assim, as distintas mídias citadas neste artigo, como *notebook*, celular e livros, atuaram em conjunto a partir de processos reflexivos dos estudantes sobre suas próprias vidas – exercício no qual as professoras tiveram um papel de mediação de descobertas, guiando as crianças durante o percurso.

Por fim, esses desenhos foram transformados em animação, pelas professoras, a partir do *site* sketch.metademolab.com/canvas, já mencionado anteriormente, e editados no canva.com, na opção de vídeo. Assim, a culminância de todas as atividades que foram desenvolvidas ao longo do mês de novembro de 2024 ocorreu no momento de Hora Cívica da escola, que integrou as atividades já selecionadas pela comunidade escolar, como danças e apresentações orais, ao produto final da roda literária: a exibição e posterior debate da animação criada pelos estudantes.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar uma experiência de roda literária com atividades de debate e desenvolvimento criativo a partir da produção de uma animação sobre a obra lida. Tendo como ponto central a identidade racial, o orgulho da negritude e o respeito às diferenças, a tríade que envolve a prática de leitura, a reflexão social e a educação midiática tem uma relação direta com a ação apresentada.

A capacidade crítica de analisar, questionar e transformar narrativas construídas socialmente, especialmente aquelas que reforçam o racismo estrutural e os estereótipos sobre pessoas negras, é algo que deve ser construído com o objetivo de combater discursos de ódio e racismo. Sendo assim, a integração de uma ferramenta que faz uso de IA contribuiu com o estímulo à imaginação das crianças e proporcionou um ambiente mais inclusivo e representativo.

A educação midiática e a educação libertadora compartilham princípios que estão relacionados à formação de sujeitos críticos, ativos e transformadores de sua realidade. A educação midiática atua como ferramenta para interpretar, questionar e

transformar as mensagens das mídias, a partir, principalmente, da percepção de mecanismos de exclusão, e os estereótipos reforçados, inclusive os raciais, de gênero e de classe.

Referências

AMORAS. Emicida: DE OLIVEIRA, L. R.; LEVY, M. J. F.: *In: SOBRE Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* Emicida: São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015, faixa 4.

CONSANI, M. **Educomunicação**: o que é e como fazer. São Paulo: Contexto, 2024.

FANTIN, M. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 27–40, 2011. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.14i1.0002. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3483>. Acesso em: 26 maio. 2025.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 77ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MARTINS, V. C.; THOMÉ, C. **Clube de leitura audiovisual**: o que é, como se faz?. Cataguases: Instituto Cidade de Cataguases, 2024.

MARTINS, V. C. **Clube de Leitura Audiovisual**: Paulo Freire e Marshall McLuhan em uma abordagem educacional para a educação midiática em escolas no Brasil. 2025. 358 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2025.

MCLUHAN, M. **The Medium is the message with Marshall McLuhan**. New York: Columbia, 1967. LP (43 min). [Marshall McLuhan Collection, P90 .M2582 2013 LP SMRM, **Special Collections, John M. Kelly Library, University of St. Michael's College**].

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. *In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Editora Atlas: 2005. p. 125-145.

SAMPAIO, R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa**: um guia prático para pesquisadores: São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2024.

SANTAELLA, L. Por que é imprescindível um manual ético para a Inteligência Artificial Generativa? **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 28, p. 7–24, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/1984-3585.2023i28p7-24>.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.